

ENTRECRUZAMENTOS E OS LEGADOS AFRICANOS DE MARISE DE SANTANA: POR UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL

CROSSINGS AND AFRICAN LEGACY OF MARISE DE SANTANA: FOR A DECOLONIAL EDUCATION

Luciana dos Santos Brandão¹

Resumo: O estudo em foco objetiva analisar algumas das contribuições da mulher, professora, acadêmica ativista, baiana e intelectual negra Marise de Santana² que com seu forte legado afrodescendente contribui para a construção de uma educação decolonial no sudoeste baiano. A análise aqui proposta configura estratégias que transitam por um processo de construção curricular que traça um mapa de

múltiplas entradas propondo uma educação dialógica no intuito de construir ritmos de pertencimentos grávidos de potencialidades afrodiaspóricas. E sob esse desafio é que no campo das reflexões construir um lugar ou não lugar que potencializa as políticas curriculares capazes de responder às necessidades educativas contemporâneas é extremamente necessário. O percurso etnográfico vai na direção de pensar como as

¹ Fundadora do Núcleo de Educação Afro Brasileira e Indígena – NEABI/Itiruçu. Especialista em História e Cultura Afro Brasileira. Especialização em Educação, Cultura e Diversidade. Especialista em Mídias na Educação pela UESB. Especialista em Psicopedagogia. Licenciada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Aluna especial do Mestrado Acadêmico em Gênero da África Negra/UFBA.

práticas dessa acadêmica ativista tem desmontado modelos hegemônicos e ocidentrocêntricos. Esse trabalho tem sua gênese a partir das formações extensionistas no ODEERE – Órgão de Educação e Relações Étnicas Raciais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, Jequié o qual fui discente nos anos de 2009 e 2010 e nas aulas pude aprender e ressignificar minhas práticas com as falas da potência feminina Marise de Santana. Cabe salientar que, as corroborações advindas das atividades extensionistas da Universidade ora epigrafada, bem como, as travessias acadêmicas/docentes culminaram num interesse em discutir o legado de Santana a partir de um debate decolonial.

Palavras chave: Marise de Santana. Legado Afrodescendente. Educação decolonial

Abstract: The study in focus aims to analyze some of the contributions of black woman, teacher, academic activist, Bahian and intellectual Marise de Santana² who, with her strong Afro-descendant legacy, contributes to the construction of a decolonial education in the southwest of Bahia. The analysis proposed here configures strategies that transit through a curricular construction process that draws a map of multiple entries proposing a dialogic education in order to build rhythms of belonging pregnant with a phrodisporic potentialities. And under this challenge, in the field of reflections, building a place or not that enhances curriculum policies capable of responding to contemporary educational needs is extremely necessary. The ethnographic path goes in the direction

of thinking about how the practices of this academic activist have dismantled hegemonic and Western-centric models. This work has its genesis from the extension training at ODEERE - Education and Ethnic Racial Relations Agency of the State University of Southwest Bahia/UESB, Jequié which I was a student in 2009 and 2010 and in classes I was able to learn and re-signify my practices with the speeches of female power Marise de Santana. It should be noted that the corroborations arising from the extension activities of the University hereby epigraphed, as well as the academic/faculty journeys culminated in an interest in discussing Santana's legacy from a decolonial debate.

Keywords: Marise de Santana. Afro-descendant legacy. decolonial education

ENTRECRUZAMENTOS: Marise de Santana e educação decolonial

As discussões sobre educação decolonial vêm assumindo importância e ocupando cada vez mais, espaço no campo das pesquisas em educação na contemporaneidade. Nessa esteira de análise, cabe aqui, ressaltar a idéia de decolonialidade enquanto campo político pedagógico em que os sujeitos e sujeitas reconstróem saberes. Nesse processo dinâmico a realidade é o chão sobre o qual o/a educador/a e educando/a constroem seus processos de aprendizagens e desaprendizagens.

Ao se discutir educação decolonial, vale tecer velhos e novos olhares sobre sua história e os pontos de tensionamentos e problematizações. Nesse contexto e incorporando um desafio de

pensar uma educação que ultrapasse as barreiras do engessamento hegemônico e incorpore um diálogo com as pluralidades étnicas e sócio culturais no sentido de desmontar as relações de poder e fazer uma revolução de pedagogias decoloniais:

Nesse sentido, a proposta de uma pedagogia decolonial e de interculturalidade crítica requer a superação tanto de padrões epistemológicos hegemônicos no seio da intelectualidade brasileira quanto à afirmação de novos espaços de enunciação epistêmica nos movimentos sociais. (OLIVEIRA, 2010.p.22)

A força motriz desse estudo encontra âncora no debate decolonial da Professora Marise de Santana, uma mulher negra com raízes no Recôncavo Baiano

que vem mobilizar problematizar o papel social da escola Vale ressaltar que, a gênese desse legado na colaboração de reconstrução ou construção de uma educação decolonizadora surge no momento em que essa desafiadora mulher afrodescendente inaugura o ODEERE.

O pertencimento e o forte legado afrodescendente de Marise de Santana na educação de diversos municípios baianos ultrapassam fronteiras. As suas travessias de lutas no intuito de estabelecer diálogos, aproximações e intervenções em espaços de educação formal e não formal acerca das relações étnicas questiona os racismos, as violências de gênero, os currículos hegemônicos.

Nesses caminhos e des-caminhos Marise de Santana, neta de Salu, filha de Ernestina adentra lugares pedindo licença

sempre ao seu Criador, as mais velhas e aos mais velhos e corrobora para ressignificar o olhar humanizado nas Universidades, nas escolas, nos terreiros, nas comunidades tradicionais, nos coletivos, nos Neabis, nos movimentos sociais e em tantos outros lugares.

É inevitável pensar no protagonismo negro, no empoderamento da mulher negra, na visibilidade de crianças negras, na educação decolonial no sudoeste baiano sem considerar o legado da professora Marise.

O legado ancestral afro-descendente aqui defendido está para além do campo religioso que constitui a cultura dos povos originários da África. Tal categoria de análise é evidenciada como uma gama de elementos constitutivos da identidade dos povos africanos e afro-brasileiros. Santana defende o legado africano

como:

[...] um conjunto de saberes trazidos em situação de diáspora pelos grupos étnicos africanos no período do tráfico escravo, e hoje chamados de cultura afro-brasileiras. A África tem saberes tradicionais milenares que antecedem a cultura cristã, moderna e letrada. (SANTANA)

Nesse aspecto, interpretar os sentidos dos tempos e espaços, numa condição seminal de aprendizagem transitando nesses saberes milenares, esse trabalho traz vivências, depoimentos e experiências como caminhos metodológicos.

Para a professora Letícia Azevedo, é muito importante o fomento de políticas públicas não somente de inclusão, mas de permanência da mulher negra

em seus espaços. “Nascemos em uma sociedade de brancos, estudamos em uma escola de brancos, somos inclinadas a religião dos brancos, somos forçadas a assumir uma máscara identitá-

ria branca e, só posteriormente, a duras penas, conquistamos a liberdade de nos constituirmos negras.



Figura 1- Marise de Santana em debates antirracistas na Câmara Municipal de Jequié/BA

A TRANSIÇÃO: DO ODEERE AO NEABI

O ODEERE um órgão organizado em 2005, localizado no Bairro do Pau Ferro no município de Jequié /BA com o objetivo de discutir políticas edu-

cacionais de combate ao racismo, fomentar pesquisas e ações direcionadas as culturas afro brasileira e indígena. Para, além disto, o ODEERE se constitui como um local de encontros e reencontros, de saberes, de histórias, de experiências e de tantas potenciali-

dades acadêmicas e populares.

Nas encruzilhadas de saberes surge em 2013 o NEABI – Núcleo de Educação Afro Brasileira e Indígena – Itiruçu/Bahia. Na tentativa de respaldar legalmente foi criado na estrutura administrativa municipal o NEABI com o Decreto de nº 012 de 30 de abril de 2015 publicado no Diário Oficial do Município de Itiruçu que tem dentre outras atribuições fiscalizar, coordenar e conduzir todas as ações referentes ao estudo da história e culturas afro brasileira e indígena.

Nesse movimento articulado, cabe pensar que a educação supõe avanços, limites e possibilidades, construção permanente e inacabamento. Reatando os laços entre ODEERE E NEABI bem amarrados desde 2009 nas aulas de campo da grandiosa Marise no município de São Francisco do Conde (ter-

reno primeiro de Santana, onde lecionou) surge ali, a vontade de colaborar na construção de uma educação decolonial em Itiruçu e a idéia de criação do NEABI. Pode-se afirmar que o NEABI surge a partir das trocas e das vivências com a surpreendente Marise de Santana.

Quanto às questões que envolvem a visibilidade do negro na cultura brasileira, este passo – construção de material e desenvolvimento de consciência – tem possibilitado a tantos outros, no mínimo tomarem consciência dessas ações e, para, além disso, envolvem-se com ela, seja por meio da participação na extensão ou pós graduação como porta de entrada para as ações do projeto ou como continuadores da obra na condição de multiplicadores das ações en-

sejadas pelo mesmo.



Figura 2- Grupo de Dança-Raizes afro na sede do NEABI em 2015



Figura 3- Projeto Novembro Negro NEABI Itiruçu 2015



Figura 4- Exposição fotográfica do NEABI em 2015 no VCBPN na UESB.

Trazer à tona a visibilidade do negro na cultura local e ainda no contexto da educação pública do município de Itiruçu surge nesse cenário além dos muros escolares as contribuições de Zulmerinda Fróes do Nascimento (Zuzu), a partir do momento que Santana chega ao Morro Grande como assim é conhecida a cidade, e então, grandes amigas se tornam.

Para além dos saberes milenares de Zuzu¹, surge nesse cenário mulheres rezadeiras, a exemplo de Anália Ribeiro de Souza (Dona Lau²) Antonia Ma-

1 Zulmerinda Fróes do Nascimento conhecida como Dona Zuzu, mulher negra, rezadeira, vendedora de acarajé, de forte influencia na política local a décadas

2 Anália Ribeiro de Souza - mulher negra, baiana, itiruçuense, rezadeira, apanhadeira de café, mãe de 11 filhos e avó de 13 netos e de sete bisnetos. Conhecida como Dona Lau



chado Gonçalves (Dona Antonia) e Dona Valdelice Rodrigues (Dona Vade-in memorian) que a partir da chegada de Marise pas-

sam a fazer parte de debates no contexto educacional.



Figura 5 - Palestra de Zuzu na Escola Pública em Itiruçu/BA ao lado da aluna Izabela em 2016.

UM LEGADO EM MOVIMENTO

Pensando ainda nesse caminho curricular onde a colaboração de Marise de Santana é visível mesmo onde ela talvez

nunca tenha pisado. A propósito, só aprende quem viaja. Viajar implica encontro com estranhos. É nessa perspectiva que a cidade de Iramaia localizada na Chapada Diamantina tem escutado as vozes que ecoam da potência femi-

nina Marise a respeito da construção colaborativa do currículo numa perspectiva de colocar em xeque as relações étnicas raciais de forma mais efetiva.

Para além de uma estrutura coerente de saberes a serem transmitidos, o currículo é uma construção social, pedagógica e cultural potencializada e mobilizada pelos atores/ autores educativos. Embora o movimento para compreender as estruturas curriculares instituídas seja necessário e importante, são os atos de currículo que se colocam em potência para interferir nesses âmbitos. (SANTA-NA, Marise de)

Os debates calorosos acerca do tema encontra respaldo nas pesquisas sobre a professora Marise. Nas suas entrevistas, nos

discursos que afrontam o modelo de educação eurocêntrica. E sob esse movimento que evidencia uma educação decolonial Marise tem caminhado e nas suas narrativas epistêmicas tem dado vozes, visibilizado e estremecido as estratégias de sociabilidades.

É através do movimento que existe a comunicação entre todas as coisas e todos os seres, por isso tudo pode estar próximo e/ ou afastado, pode enunciar fronteiras, pois é o movimento que possibilita o acesso a códigos de exclusões ou inclusões de discriminação ou aproximação. (MACEDO,2007)

Assim, considera-se que cada sujeito/a em sociedade é uma fonte única e inesgotável de saberes e experiências, e que nenhuma delas deva ser silenciada ou inferiorizada como fun-

damentos para educação, deve e possibilita a efervescência da ecologia de saberes. O reconhecimento destes saberes, que a priori se apresentam além do científico e legitimados, seja a valorização das experiências, vivências e plurais idades dos sujeitos/as, autorizando a sua autonomia e emancipação

A partir desse argumento, é válido enfatizar o fato eminentemente humano e importante de que nós aprendemos com os outros. Nesse sentido, as estratégias pedagógicas pleiteiam interações dialógicas com uma ineliminável valorização do outro com o qual aprendemos.

Assim, quem aprende é capaz de utilizar sugestões dos outros, de aproveitar ajuda dos outros para se organizar, de “tomar emprestado” a consciência ou a reflexão do outro. É nessa relação entre o eu e o outro que

se consolida as ações de Santana pelo sudoeste baiano e por outras regiões brasileiras.

PALAVRAS QUASE CONCLUSIVAS

Sendo a educação um projeto em movimento, inacabado em constante construção. Pode-se afirmar que, o legado afrodescendente da Doutora Santana encontra-se ainda num movimento frenético por lugares ainda inimagináveis, para além daqueles aqui citados.

É a partir das experiências e (re) existências de mulheres negras que os debates acerca do legado afrodescendente vão se consolidando nos diferentes espaços sociais e instigando questionamentos e traçando trajetórias e travessias educacionais descolonizadoras.

É com esse com-

promisso histórico que acreditamos que todos profissionais de educação devam buscar, ser conscientes de seu papel de agente transformador. Mas restam ainda algumas indagações com as quais se pretende caminhar ao longo da pesquisa: Será que os docentes têm essa consciência? São libertos das ideologias existentes em nossas sociedades, que imobilizam nossas atitudes, nos transformando em objetos e não sujeitos capazes de se inserir na sociedade e transformá-la? Usam a educação para as relações étnicas raciais como uma ferramenta de libertação?

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação Conselho Nacional de educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das re-

lações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: Ministério da educação, 2005.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. CANDAU, Vera Maria Ferrão (ORGS). PEDAGOGIA DECOLONIAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E INTERCULTURAL NO BRASIL. Educação em Revista | Belo Horizonte | v.26 | n.01 | p.15-40 | abr. 2010

MACEDO, Roberto Sidnei. Currículo, Diversidade e Equidade Luzes para uma educação intercultural. EDUFBA, 2007.

SANTANA, Marise de. ODEERE: Formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano. Vitória da Conquista Edições UESB, 2014.

SANTANA, Marise de. O Lega-

do Ancestral Africano na Diáspora e o Trabalho Docente: desfricizando para cristianizar. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). PUC, São Paulo, 2004.